



Sexualidade e pós-modernidade*

Cláudio Laks Eizirik**, Porto Alegre

O autor destaca que, no texto Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade de Freud se encontram as bases para a compreensão da vida sexual normal e patológica, através da leitura dos caminhos e descaminhos da pulsão e de suas vicissitudes, bem como de uma visão das relações de objeto animadas pela pulsão, pelas fantasias despertadas e suas múltiplas interações. Articula a questão da pós-modernidade com a clínica psicanalítica contemporânea. A atual cultura do narcisismo é marcada pela predominância da imagem, busca frenética da satisfação, velocidade, fugacidade dos relacionamentos e por uma hipersexualização que se volta apenas ao prazer e prescinde de relações humanas mais profundas, na qual entram em cena mecanismos primitivos como a desmentida propiciando falhas de simbolização e de representação psíquica. Descreve como esses aspectos podem interferir na prática analítica atual. Ilustra, através de personagens de Kafka e Philip Roth, a diferença entre o modelo cultural moderno, em que predominava a repressão, e o pós-moderno, com mecanismos mais primitivos de defesa.

Descritores: sexualidade; pós-modernidade; clínica psicanalítica contemporânea.

* Trabalho apresentado no Simpósio de abertura das Atividades Científicas da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, em 26 de março de 2004.

** Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



1. Sobre Os Três Ensaiois

No prefácio à segunda edição de seus *Três Ensaiois sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905) expressa seu ardente desejo de que o livro envelhecesse rapidamente – que o que nele uma vez foi novidade pudesse tornar-se geralmente aceito e que o que nele estivesse imperfeito pudesse ser substituído por algo melhor. Advertências semelhantes são encontradas nos prefácios seguintes, de 1914 e de 1920. Neste, em particular, ao mesmo tempo em que reconhece a gradativa aceitação das teses puramente psicológicas e as descobertas psicanalíticas do inconsciente, da repressão, do conflito como causa da doença, queixa-se de que aquela parte da teoria que se aproxima mais da biologia e cujos fundamentos são apresentados nos *Três Ensaiois* continuava a enfrentar a mesma tenaz oposição.

Aproximando-nos dos cem anos desta obra magna, aquela que, depois da *Interpretação dos Sonhos*, foi a que sofreu o maior número de revisões por parte de seu autor, convida-nos a SPPA a refletir sobre a questão da sexualidade na chamada pós-modernidade e em que medida as contribuições dos *Três Ensaiois* e suas sucessivas revisões nos instrumentam para enfrentar tal questão.

Ao agradecer o convite para participar desta atividade inaugural de 2004, aproveito para destacar também que isto me propiciou mais uma releitura dos *Três Ensaiois*, atividade que não se realiza sem se experimentar um renovado prazer.

Desde logo, penso que Freud estava errado em sua previsão: o livro não envelheceu e não pode ser dispensado em qualquer abordagem da sexualidade. Estudando e descrevendo o que então denominava de aberrações sexuais, propondo uma nova e revolucionária visão da sexualidade infantil e examinando as metamorfoses da puberdade, temos neste livro as bases para a compreensão da vida sexual normal e patológica.

Com os *Três Ensaiois*, instaura-se o reconhecimento da natureza e dos caminhos da pulsão. Neste sentido, pode-se dizer que a condição humana se estrutura sobre o trajeto da pulsão e que aí temos uma invariante: o ser humano é desejante e busca objetos para se ligar, exercitando os mandatos da pulsão. Penso que, entre outras, *Os Três Ensaiois* admitem duas leituras: uma é justamente esta, a dos caminhos e descaminhos da pulsão e de suas vicissitudes; a outra é a das relações de objeto animadas pela pulsão, as fantasias aí despertadas e suas múltiplas interações. Estas estão presentes não só no texto, como nas inúmeras notas de rodapé, das quais destaco apenas uma, quando Freud descreve suas conclusões sobre o



homossexualismo de Leonardo, numa das mais belas formulações sobre relações de objeto da literatura psicanalítica.

Os Três Ensaios, assim, fornecem-nos as bases sólidas para um edifício que constitui a perspectiva psicanalítica atual sobre a sexualidade. Neste edifício, que está construído dentro da mente de cada psicanalista, deve haver espaço para outras áreas: as questões da identidade de gênero e as especificidades da masculinidade e da feminilidade, as neossexualidades, as diferentes formas de entender as perversões, os estados sexuais da mente, as peculiaridades sexuais de cada etapa do ciclo vital. Uma área conturbada de tal construção é a questão polêmica sobre a homossexualidade: terá ela uma relação compulsória com a psicopatologia, ou será expressão de uma condição que se situa num continuum que vai da normalidade à perversão?

Esta e outras áreas tomam vulto nos anos recentes, quando os casamentos entre gays são legalizados em vários países, casais homossexuais adotam filhos, mais e mais mulheres utilizam as denominadas produções independentes e a noção tradicional de casal e família passa a ser questionada. Todos esses fatos fazem parte da pós-modernidade.

2. A questão da pós-modernidade e a clínica contemporânea

Desde que Lyotard (1979) publicou *A condição pós-moderna*, não é mais possível falar de nossa cultura sem mencioná-la. Apesar das várias confusões e dificuldades produzidas por esse termo – refere-se ele ao resultado, à seqüência, ao desenvolvimento, à negação ou à rejeição da modernidade? – Lyotard (1991, p.11) menciona claramente que “[...] este termo define um estado da cultura. As sociedades modernas baseavam seus discursos na verdade, na justiça e em grandes metanarrativas históricas e científicas. A crise atual é precisamente a crise desses discursos”. Mesmo alguns autores considerando que a pós-modernidade expressa mais um programa elaborado por intelectuais do que a realidade comum da sociedade e da cultura contemporâneas, é necessário examinar melhor em que consiste essa *condição, programa* ou *sensibilidade*. Dentre muitos autores, Arditi (1988) ofereceu cinco proposições concisas que visam caracterizar a “sensibilidade pós-moderna”:

1. Em contraste com a modernidade, a condição pós-moderna privilegia o ceticismo, desafiando as premissas básicas do projeto do iluminismo. Aos três *mestres da suspeita* (Ricoeur, 1970), Marx, Freud e Nietzsche, deve-se



acrescentar as influências de Foucault, Deleuze, Lyotard, Feyerabend, Vattimo, entre outros.

2. Há o reconhecimento da complexidade do mundo, o que leva ao enfraquecimento de conceitos como o progresso ou a absorção do velho dentro do novo.

3. Há um questionamento do modelo simplista de poder. Como consequência, deve-se considerar a presença de um centro e uma periferia, em termos de poder e ideologia, e também a existência de bolsões como *microclimas* ou *micropoderes* presentes em cada sistema. Além disto, todo poder é considerado relacional, funcionando através de redes mutuamente influentes.

4. É reivindicado o direito às diferenças e a tenaz determinação de seguir estilos alternativos de vida, o que leva à politização da sexualidade, da ecologia, dos direitos humanos, da vida urbana diária, entre outros.

5. Expandem-se as demandas sociais de participação, em que temas como a cidadania, o estado de bem-estar pessoal e os direitos das mulheres, dos homossexuais, dos pacifistas e de outras minorias são defendidos com veemência (apud Eizirik, 1997).

Partindo de outra perspectiva, Christopher Lasch (1978) caracterizou a *cultura do narcisismo*, resultante do fracasso da família como um sistema de orientação moral, a evitação de conflitos por acordos e a acentuação da gratificação instintiva. Lasch realizou uma síntese das idéias de Freud, Marx e da Escola de Frankfurt, da qual surgiram as primeiras contribuições ao entendimento da dissolução do indivíduo sob a cultura de massa. A tese central de Lasch é a seguinte: o capitalismo produziu uma devastação cultural e psicológica sem precedentes, erodindo nossa capacidade para a auto-ajuda e a autodisciplina. À medida que as pressões sociais invadiram o ego, tornou-se mais difícil crescer e adquirir maturidade. Isto leva à falha do desenvolvimento normal do superego. Assim, num mundo dominado pelas imagens, o progresso individual só pode provir de imagens projetadas e impressões errôneas, produzidas por egos inseguros. Num mundo assim, é difícil discriminar a realidade da fantasia e o que nós somos daquilo que os produtos que consumimos sugere que sejamos. Desta forma a *cultura do narcisismo* aboliu a disciplina coletiva e o trabalho concentrado, em favor de um mundo de impressões, aparências e disfarces.

Assim, observamos hoje o predomínio das imagens, a busca frenética de satisfação, a velocidade, a fugacidade dos relacionamentos, com uma hiper-sexualização que busca apenas o prazer e prescinde de qualquer relação mais pro-



funda. São marcas desta cultura um certo frenesi pelas cirurgias plásticas, uma busca desesperada pela beleza, a idealização de caras e bocas. É proibido ou feio envelhecer, exibir e aceitar os sinais do tempo, esse grande escultor, título de um livro de Marguerite Yourcenar. A sexualidade, naturalmente, deve ser jovem, dinâmica, elástica, plástica, cambiante, alegre. A vida sexual dos velhos, em geral, é tema considerado pouco atraente e menos ainda alvo de interesse. Não se privilegiam o espaço para a intimidade, o silêncio, os encontros a dois. Esta é uma época em que os grupos, as corporações, as crenças produzidas e compartilhadas no sistema de *time sharing*, ou melhor, *mind sharing*, estão em alta. Neste cenário, como fica a clínica psicanalítica, espaço íntimo e privado por excelência?

Eis como Julia Kristeva (2002) descreve alguns aspectos dos novos pacientes contemporâneos: pressionados pelo estresse, impacientes por ganhar e gastar, por desfrutar e morrer, os homens e mulheres de hoje economizam essa representação de sua experiência a que chamamos de vida psíquica. Não se dispõe de tempo nem de espaço necessários para constituir uma alma. O homem de nossos dias, diz ela, é um narcisista, talvez cruel, mas sem remorso. Habitante de um espaço e de um tempo retalhados e acelerados, tem com frequência dificuldades para reconhecer em si mesmo uma fisionomia. Em suma, diz Kristeva, o homem atual está perdendo sua alma. Ou, dito de outra forma, sofre uma dificuldade de representar. Quer tome a forma de mutismo psíquico, quer experimente diversos sinais sentidos como vazios ou artificiais, essa carência de representação psíquica entrava a vida sensorial, sexual, intelectual e pode prejudicar o próprio funcionamento biológico. A função do analista, será, pois, a de restaurar a vida psíquica para permitir ao corpo falante uma vida melhor. Por fim, Kristeva considera que o que denomina as novas doenças da alma é constituído pelas dificuldades ou incapacidades de representação psíquica que chegam até a matar o espaço psíquico. Para ela, cabe à psicanálise tentar renovar a gramática e a retórica, complexificar o estilo daquele ou daquela que nos quer falar, porque já não agüenta mais não dizer e não ser entendido.

Assim, temos, por um lado, uma caracterização da modernidade com suas aspirações e, de outro, da pós-modernidade com sua fragmentação e incerteza.

Bauman (1998), comparando a modernidade com a pós-modernidade, observa que, se no século XIX e início do XX, os discursos sobre a sexualidade instauravam mecanismos que serviam à construção da ordem, hoje a *revolução sexual*, que institui o divórcio entre sexo e família, entre sexo e amor romântico, serve sobretudo ao processo de atomização e acumulação de sensações.

De um ponto de vista psicanalítico, vemos que na modernidade o mecanismo básico era a repressão, enquanto nos dias de hoje, face à falha ou deficiência





da repressão, entram em cena mecanismos mais primitivos como a desmentida, havendo a dificuldade de simbolização e de representação psíquica descritas por Kristeva.

Um cuidado que penso necessário em tais análises é uma certa tendência ao catastrofismo, algo que talvez se possa detectar na descrição de Kristeva e de outros autores, bem como de um saudosismo por épocas anteriores. Aqui cabe lembrar aquela advertência de Mário Quintana: *Quando ouço alguns velhos dizerem: “ah, que bons tempos eram aqueles”, penso que nós é que estávamos melhor naqueles tempos.* Ou seja, os tempos não são bons ou maus, são o que são em cada contexto histórico. Nosso desafio é buscar entender este tempo e sua linguagem, assim como os figurinos e as roupagens que a sexualidade assume para exprimir-se. Embora se possa identificar mudanças nos pacientes de hoje, conforme mencionado, penso que devemos reconhecer que a própria separação entre modernidade e pós-modernidade é relativa. Em nossas cidades, numa mesma rua, podemos observar fenômenos de cada um desses períodos, ou até mesmo medievais. Em nossa própria mente, oscilamos entre estados mentais que podem lembrar cada uma dessas descrições. Da mesma forma, na clínica contemporânea, temos pacientes neuróticos, com funcionamento dentro das descrições freudianas ao lado de pacientes que se enquadram dentro da clínica do vazio, ou do narcisismo, ou da perversão, assim como oscilações entre estados mentais correspondentes.

3. Alguns personagens

Pensando nesses dois modelos culturais, podemos examinar alguns personagens que seriam ilustrativos de cada um, os primeiros tendo vivido no início do século XX e os demais na década de 90.

Exemplos do *homo freudianus*, se me permitem esta expressão, seriam Franz Kafka e seus personagens principais. Tanto o autor, pelo que se conhece, como Gregor Samsa, como K., viviam em conflito, divididos entre desejos e interdições paternas, enfrentando um superego persecutório, num processo sem fim, com uma acusação que não se conhece conscientemente, com uma vida amorosa difícil, sentindo-se diminuídos como um inseto. A pungente carta de Kafka a seu pai é um documento precioso desse sofrimento. Uma visita recente a uma retrospectiva da vida e da obra de Kafka, montada num ambiente que inclui seus objetos pessoais e cenários baseados em seus livros, como um antigo telefone que não responde, ou labirintos ou espaços escuros ou sons confusos, faz com que o visitante vá sendo tomado de uma angústia claustrofóbica e desejo ardentemente sair, mas





a porta de saída é difícil de encontrar e demorada de atingir. Quase na condição de um inseto insignificante, experimentando por possível identificação o atormentado mundo interno do autor, ao menos este visitante quase se atirou para fora do recinto da mostra, aspirando por um pouco de ar puro e de sol.

Por outro lado, Philip Roth, em seus livros da década de 90, notadamente *O Teatro de Sabbath* (1995) e *A Marca Humana* (2000), descreve o drama do homem pós-moderno em vários de seus aspectos.

Sabbath, em sua busca desenfreada por uma sexualidade sem limites, sua total falta de consideração pelo objeto, vaga entre cidades, por estradas, vestido numa túnica militar que representa sua identificação com o irmão abatido na guerra, aparentemente numa fuga frenética das sombras do passado, da doença, da velhice e da morte.

A Marca Humana (Roth, 2000), cuja versão para o cinema foi recentemente exibida com o nome de *Revelações*, é a história de um professor de letras clássicas, acusado de racismo e que vive um caso amoroso com uma servente de sua faculdade, bem mais jovem. Roth descreve-o como um homem extrovertido, arguto, urbano, terrivelmente sedutor, com um toque de guerreiro e charlatão.

A paciente investigação do personagem Nathan Zuckerman, alter ego de Roth (e que inevitavelmente nos faz lembrar o trabalho investigativo de uma análise) leva-o a descobrir que Coleman Silk, o professor, é na realidade negro. Graças ao fato de ter a pele quase branca, renegara sua raça e sua família e passara a se apresentar e viver toda uma vida como branco e judeu. O herói do professor é Aquiles, sobre o qual fala aos seus alunos com o entusiasmo de uma identificação projetiva: “Aquiles, o sujeito mais inflamável e explosivo dos que já foram imaginados pelos escritores, especialmente quando seu prestígio e seu apetite estão em jogo... a máquina de matar mais hipersensível da história da guerra...o grande herói tão enraivecido por um insulto...uma ofensa ao direito fálico...acaba se isolando e excluindo numa atitude desafiadora da sociedade...” (p.15).

O final dramático do livro, em que Silk e sua amante morrem (ou são mortos) num acidente de carro, soa como um castigo pela mentira, pela impostura, por desafiar as normas de sua sociedade, por sua arrogância intelectual. Ou seja, o triunfo narcísico de Coleman sobre sua própria natureza coloca-o na situação de alguém que é estranho ao seu mundo interno, à sua vida psíquica e seus limites, alguém que perdeu a sua alma, diria Kristeva, e acabou castigado pelos deuses, pelo pecado da *hibris*, expressão que os gregos usavam para caracterizar a desmesura.

Tanto Kafka e seus personagens como Roth e os seus e os pacientes que nos procuram, sejam eles exemplares da modernidade ou da pós-modernidade, estão





Cláudio Laks Eizirik

em busca de uma relação amorosa, seja qual for a versão das múltiplas faces disponíveis de Eros.

De uma forma ou de outra, em cada uma dessas situações, sempre poderemos observar alguma ressonância com estas linhas de Octavio Paz:

O amor não vence a morte: é uma aposta contra o tempo e seus acidentes. ...Ao nascer, fomos arrancados da totalidade; no amor, todos sentimos voltar à totalidade original...Reconciliação com a totalidade que é o mundo... O tempo do amor não é grande nem pequeno: é a percepção instantânea de todos os tempos num só, de todas as vidas num instante... Somos o teatro do abraço dos opostos e de sua dissolução, resolvidos numa só nota que não é de afirmação nem de negação e sim de aceitação. O que vê o casal no espaço de um piscar de olhos? A identidade da aparição e desaparecimento, a verdade do corpo e do não-corpo, a visão da presença que se dissolve num esplendor: vivacidade pura, o ritmo do tempo (1993, p.196). □

Abstract

Sexuality and post-modernity

The author points out that in Freud's text *Three Essays on the Theory of Sexuality*, one finds the bases to understand the normal and the pathological sex life, by reading the pathways and wrong paths taken by the drive and its vicissitudes, as well as a view of the object relations animated by drive, the fantasies aroused and their multiple interactions. He articulates the issue of post-modernity with the contemporary psychoanalytic practice. The current culture of narcissism is marked by the predominance of the image, the frenetic search for satisfaction, speed, short-lived relationships and a hypersexualization which looks only at pleasure and ignores more profound human relations in which primitive mechanisms participate, such as denying that something was said, favoring failures in symbolization and psychic representation. He describes how these aspects may interfere in the current analytic practice. Using characters from Kafka and Philip Roth, he illustrates the difference between the modern cultural model, in which repression predominated, and the post-modern one, with more primitive defense mechanisms.

Key words: sexuality; post-modernity; contemporary analytic practice.





Resumen

Sexualidad y posmodernidad

El autor destaca que en el texto *Tres Ensayos sobre la teoría de la sexualidad* de Freud se encuentran las bases para la comprensión de la vida sexual normal y patológica, a través de la lectura de los caminos y descaminos de la pulsación y de sus viscosidades, así como de una visión de las relaciones de objeto animadas por la pulsación, las fantasías despertadas y sus múltiples interacciones. Articula la cuestión de la pós-modernidad con la clínica psicoanalítica contemporánea. La actual *cultura del narcisismo* es marcada por la predominancia de la imagen, la busca frenética de la satisfacción, la velocidad, la fugacidad de los relacionamientos y una hipersexualización que se vuelve apenas al placer y prescinde de relaciones humanas más profundas, donde entran en cena mecanismos primitivos como la desmentida propiciando fallas de simbolización y de representación psíquica. Describe como esos aspectos pueden interferir en la práctica analítica actual. Ilustra, a través de personajes de Kafka y Philip Roth, la diferencia entre el modelo cultural moderno, donde predominaba la represión, y el pós-moderno, con mecanismos más primitivos de defensa.

Palavras llave: sexualidad; posmodernidad; clínica analítica contemporánea.

Referências

- BAUMAN, Z. (1998). *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- EIZIRIK, C.L. (1997). Psychoanalysis and culture: some contemporary challenges *Int. J. Psycho – Anal.*, v. 78, p. 789-800.
- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- KAFKA, F. (1912). *A metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- . (1914). *O processo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LASCH, C. (1979). *A cultura do narcisismo: a cultura americana numa era de esperança em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LYOTARD, J.F. (1979). *La condición posmoderna*. Barcelona: Anagrama, 1986.
- LYOTARD, J.F. (1991). Posmodernidad: entrevista a J.F. Lyotard. La condición posmoderna. *Zona Erógena*, v.7. http://www.educ.ar/educar/servilet/downloads/S_BD_zonaerogena/ze0703.pdf
- KRISTEVA, J. (2002). *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco.





Cláudio Laks Eizirik

PAZ, O. (1993). *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano.
ROTH, P. (2000). *The human stain*. Boston: Houghton Mifflin.

Recebido em 05/04/2004
Aceito em 20/05/2004

Cláudio Laks Eizirik
Rua Marquês do Pombal, 783/307
90540-001 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: ceizirik.ez@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA

